

PARA ALÉM DAS NARRATIVAS OFICIAIS

História Local e decolonialidade em Itumbiara, GO, Brasil¹

BEYOND OFFICIAL NARRATIVES

Local History and decoloniality in Itumbiara, GO, Brasil

ASTROGILDO FERNANDES DA SILVA JÚNIOR²

PAULA MARCELE FERREIRA OLIVEIRA³

RESUMO

Este artigo investiga a produção da História Local em Itumbiara, GO, sob uma perspectiva decolonial, buscando analisar como as narrativas históricas locais podem ser utilizadas para fortalecer a identidade e o senso de pertencimento, ao mesmo tempo em que problematizam as estruturas de poder e as hegemonias presentes na construção da história oficial. Tem como objetivo analisar criticamente a produção da História Local em Itumbiara, GO, a partir da perspectiva decolonial, com foco nas obras de autores locais como Nilson de Souza Freire e Sidney Pereira de Almeida Neto. A pesquisa se baseia em uma abordagem qualitativa, combinando métodos de análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica. As obras de Freire e Almeida Neto são analisadas como fontes primárias, buscando evidenciar as vozes silenciadas e as contradições presentes nas narrativas históricas locais. A análise crítica das obras dos autores locais revela a necessidade de se ampliar as perspectivas sobre a história de Itumbiara, incorporando as vozes de grupos minoritários e marginalizados.

Palavras-chave: História Local. Decolonialidade. Ensino de História.

ABSTRACT

This article investigates the production of Local History in Itumbiara, GO, from a decolonial perspective, seeking to analyze how local historical narratives can be used to strengthen identity and a sense of belonging, while also problematizing the power structures and hegemonies present in the construction of official history. It aims to critically analyze the production of Local History in Itumbiara, GO, from the decolonial perspective, focusing on the works of local authors such as Nilson de Souza Freire and Sidney Pereira de Almeida Neto. The research is

¹ Artigo apresenta resultados de pesquisa financiada pela FAPEMIG, Edital Universal (2022) e Capes.

² Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: silvajunior_af@yahoo.com.br

³ Professora da Rede Municipal de Educação da cidade de Itumbiara, GO, Brasil. E-mail: paulamayfair@gmail.com

based on a qualitative approach, combining content analysis and bibliographic research methods. The works of Freire and Almeida Neto are analyzed as primary sources, seeking to highlight the silenced voices and contradictions present in local historical narratives. The critical analysis of the works of local authors reveals the need to broaden the perspectives on the history of Itumbiara, incorporating the voices of minority and marginalized groups.

Keywords: Local History. Decoloniality. History Teaching.

INTRODUÇÃO

Concordamos com Grosfoguel (2008) ao defender que a produção do conhecimento é sempre situada, dependente do sujeito e do lugar de onde se fala. Por isso, ao ensinar História, cabe os seguintes questionamentos: quais histórias são contadas e por quê? Quais são silenciadas? Acreditamos que a História Local oferece uma resposta poderosa a essas perguntas, tornando a aprendizagem mais significativa e engajada.

Em vez de focar em fatos distantes, a História Local convida as/os estudantes a explorarem a história da sua comunidade, reconhecendo-se como agentes históricos. Ao investigarem seu bairro, cidade ou região, desenvolvem uma percepção crítica do seu lugar no mundo e da influência da história em suas vidas. Essa abordagem fortalece identidades, valorizando a herança local e o sentimento de pertencimento.

A História Local torna o ensino mais relevante, engajador e significativo. No entanto, é preciso ir além da história das elites, através de outras narrativas e registrar as vozes de sujeitos historicamente marginalizados. Inspirados nos estudos decoloniais, propomos uma História Local que questione a narrativa eurocêntrica, que valorize os saberes marginalizados.

A decolonialidade revela como a história tradicional ignora ou distorce as experiências e contribuições de povos colonizados. Para romper com essa visão, é fundamental incluir as vozes de indígenas, afrodescendentes, quilombolas e outros grupos marginalizados, construindo uma história mais plural, autêntica e emancipadora.

Nos limites desse texto, temos como objetivo analisar a produção da História Local em Itumbiara, GO, a partir da perspectiva decolonial, com foco nas

obras de autores locais como Nilson de Souza Freire e Sidney Pereira de Almeida Neto. O artigo está organizado em quatro partes. Na primeira, apresentamos um estudo sobre a História Local, no qual estabelecemos um diálogo com os estudos decoloniais. Na segunda, a perspectiva metodológica. A terceira aborda o cenário da pesquisa, o município de Itumbiara, GO. A quarta trata da história de Itumbiara na visão dos memorialistas. Por fim, as considerações finais.

1. A HISTÓRIA LOCAL EM PERSPECTIVA DECOLONIAL.

Bittencourt (2004, p. 165) ressalta a importância de estudar a história local, ao afirmar que "a associação entre cotidiano e história de vida dos estudantes possibilita contextualizar essa vivência em uma vida em sociedade e articular a história individual a uma história coletiva". Dar significado ao aprendizado se torna mais fácil quando a/o estudante se reconhece como parte integrante do processo histórico, relacionando suas práticas e experiências cotidianas com as nacionais e globais.

Para Bittencourt (2004), a história local oferece uma perspectiva concreta, conectando as/os estudantes ao passado da sua comunidade. Isso contribui para o desenvolvimento do senso de pertencimento e de uma consciência histórica local, permitindo que compreendam como seu ambiente e suas vivências são influenciados por processos históricos.

Nem sempre o/a professor/a dispõe de tempo e condições ideais para ensinar sobre a história local, seja por limitações do currículo, falta de material didático adequado ou pela extensa grade curricular. É comum que o trabalho com a história local fique restrito a datas comemorativas e efemérides, momentos em que se "relembra" a identidade e a história local.

Ensinar História Local e Regional nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio é desafiador. Currículo extenso, falta de material didático e de investimento para atividades externas são obstáculos reais. Entretanto, o aniversário da cidade costuma gerar mudanças: atividades sobre a história local são planejadas e registradas em planos de aula e recursos são destinados a incentivar o desenvolvimento desse trabalho.

Uma das principais dificuldades é a falta de recursos adequados. Moreira (2017) aponta a escassez de materiais didáticos específicos e de fontes históricas locais como um obstáculo ao ensino efetivo da História Regional e Local. Investir no desenvolvimento de materiais e na coleta e preservação de fontes históricas locais é essencial.

Guimarães (2005) observa que, apesar de os currículos defenderem o estudo do local, persistem problemas como: a concepção de bairro ou cidade como unidades isoladas; a naturalização das relações de poder em narrativas memorialísticas; a ideia de progresso associada a personagens seletos e datas específicas e a preservação da memória oficial em documentos produzidos pela prefeitura ou por famílias da elite local.

A formação de professoras/es, apesar de fundamental, também apresenta desafios. Alves (2013) afirma que a formação inicial e continuada nem sempre contempla a história local, o que pode comprometer a qualidade do ensino. É importante investir na formação das/os educadoras/es, fornecendo-lhes conhecimentos e habilidades para abordar a história regional e local de maneira contextualizada e significativa. Só assim estarão preparados para compartilhar com as/os estudantes uma compreensão mais ampla e profunda da sua própria história.

Acreditamos que abordar o ensino de História Local e Regional por meio das histórias silenciadas, com uma perspectiva decolonial, é um caminho promissor. Para Quijano (2005), a decolonialidade desmonta as estruturas de poder, dominação e exploração estabelecidas durante o período colonial e que ainda persistem. Ele analisa como o colonialismo moldou as formas de organização social, econômica e cultural em todo o mundo.

Maldonado-Torres (2020) argumenta que a lógica e os legados do colonialismo podem persistir mesmo após o fim da colonização formal. Para ele, a decolonialidade é uma luta constante contra visões e modos de experienciar o tempo, o espaço e a subjetividade humana que perpetuam a colonialidade. A teoria decolonial nos convida a questionar nosso senso comum e pressupostos científicos sobre tempo, espaço, conhecimento e subjetividade. Isso nos permite entender como os sujeitos colonizados vivenciam a colonização e buscar a decolonização.

A visão decolonial de Maldonado-Torres impacta profundamente o ensino de história. Uma implicação crucial é a diversificação de narrativas, incorporando perspectivas de grupos historicamente marginalizados. Isso significa explorar eventos, experiências e contribuições negligenciados nos currículos tradicionais. A decolonialidade também nos leva a desconstruir hierarquias de conhecimento, quando questionamos a supremacia do conhecimento eurocêntrico. Docentes são encorajados a explorarem as contribuições de diversas culturas e civilizações e assim, desafiam as narrativas de superioridade.

Analisar criticamente o colonialismo implica em examinar como as estruturas coloniais moldaram as narrativas históricas e como continuam a influenciar as dinâmicas sociais e culturais. Estimular os estudantes a questionarem narrativas tradicionais e a explorarem o impacto do colonialismo em diferentes sociedades contribui para uma compreensão mais completa do passado.

Ao incorporar os princípios decoloniais no estudo da história local, busca-se desafiar as narrativas coloniais e ampliar a compreensão das complexas dinâmicas sociais, culturais e políticas da região. A decolonialidade dá voz às perspectivas marginalizadas, permitindo uma análise mais profunda das relações entre poder, resistência e identidade. Ao reconhecer as influências coloniais e sua persistência, promove-se uma abordagem crítica e inclusiva da história local, enriquecendo-a com múltiplas visões e construindo uma representação mais autêntica e justa do passado.

2. PERSPECTIVA TEÓRICO METODOLÓGICA.

Essa pesquisa foi inspirada na abordagem qualitativa, que se caracteriza por investigar a complexa teia de significados, comportamentos e experiências que permeiam o mundo social. Em vez de buscar quantificar dados, essa abordagem se concentra em compreender a qualidade e a riqueza dos detalhes, revelando as nuances e subjetividades que enriquecem a análise. Segundo Alves (1991), na abordagem qualitativa, o pesquisador assume um papel ativo, sendo um instrumento fundamental para a coleta, análise e interpretação dos dados. Sua sensibilidade, conhecimento teórico e capacidade de interação com os participantes da pesquisa são essenciais para o sucesso do estudo.

A perspectiva metodológica adotada reflete um compromisso com a compreensão aprofundada e holística do ensino de História em Itumbiara, GO. Para isso, a pesquisa se baseou em uma abordagem sobre a História Local e a decolonialidade, combinando métodos diversos que enriqueceram a investigação. A análise qualitativa da pesquisa educacional foi um pilar fundamental, pois permitiu uma exploração minuciosa das práticas e desafios envolvidos no ensino de História Local. Essa abordagem sensível e contextualizada ofereceu percepções valiosas sobre a dinâmica do ensino da História em Itumbiara, GO.

A perspectiva histórico-metodológica adotada na análise das obras memorialísticas de Nilson de Souza Freire e Sideny Pereira de Almeida Neto, "Nas barrancas de Santa Rita do Paranahyba – Jogos do poder em Itumbiara de 1830-2011" e "1909 – Villa de Santa Rita do Paranahyba – Itumbiara", respectivamente, centra-se em um enfoque crítico e decolonial. A proposta foi problematizar as narrativas tradicionais sobre a história regional e local de Itumbiara.

Essas obras, amplamente utilizadas como fontes de pesquisa em escolas e citadas em *sites* oficiais e trabalhos acadêmicos, desempenham um papel fundamental na formação do imaginário histórico local. No entanto, a análise crítica deve ir além da mera aceitação dos relatos. A análise decolonial problematiza as estruturas de poder presentes nessas narrativas, questionando quem são os sujeitos históricos que tiveram suas vozes amplificadas e quem foi silenciado ao longo do processo de construção da história local.

Essa abordagem envolve a crítica das fontes e a investigação das motivações e contextos que as moldaram. Por exemplo, ao analisar "jogos de poder" na obra de Freire, é importante questionar como esses jogos foram influenciados pelas forças coloniais e suas consequências para indígenas e afrodescendentes. Da mesma forma, a obra de Almeida Neto que retrata a transição de Santa Rita do Paranahyba para Itumbiara, pode ser analisada sob a ótica de como a modernidade e o progresso foram narrados e quem se beneficiou dessas mudanças.

A perspectiva histórico-metodológica decolonial reexamina essas obras buscando trazer à tona as experiências e contribuições de grupos sub-

representados, reinterpretando a história local de maneira mais inclusiva e promovendo uma abordagem crítica em sala de aula.

A análise dos livros memorialísticos "Nas barrancas de Santa Rita do Parahyba – Jogos do poder em Itumbiara de 1830-2011", de Nilson de Souza Freire, e "1909 – Villa de Santa Rita do Parahyba – Itumbiara", de Sideny Pereira de Almeida Neto, sob uma perspectiva histórico-metodológica, é o ponto de partida para a produção de um guia de história local com enfoque decolonial.

Ambos os textos documentam a história da região de Itumbiara, mas é possível reconhecer que carregam as impressões e interpretações dos autores, moldadas por seus contextos socioeconômicos e culturais. Uma análise decolonial questiona a construção dessas narrativas, buscando revelar vozes e experiências marginalizadas – especialmente de indígenas, afrodescendentes e trabalhadores rurais, historicamente excluídas ou sub-representadas nos relatos oficiais e memórias locais.

As obras de Freire e Almeida Neto foram escolhidas como fontes principais para a produção do produto desse estudo, principalmente por sua acessibilidade aos docentes da rede pública de Itumbiara, GO. Os livros estão disponíveis nas bibliotecas escolares e os autores, funcionários municipais, os disponibilizam digitalmente. Essa proximidade reforça a importância dessas obras como ferramentas educacionais e permite que os professores entrem em contato com os autores.

Além de serem acessíveis, as obras oferecem um importante acervo sobre a história de Itumbiara, abordando diversos eventos e personagens. A riqueza de detalhes e a profundidade das narrativas tornam esses livros recursos valiosos para compreender a história da região. No entanto, para usar seu potencial no contexto educacional, é essencial adotar uma abordagem crítica na leitura e interpretação dos textos.

Ao tratar os livros de Freire e Almeida Neto como fontes primárias e analisá-los sob uma perspectiva crítica e decolonial, os docentes podem produzir materiais pedagógicos valiosos para o ensino da história local. Essa abordagem transcende as narrativas tradicionais, questionando as estruturas de poder e dando voz a grupos historicamente marginalizados. Assim, as obras contribuem para a construção de um currículo mais inclusivo e representativo da diversidade

histórica de Itumbiara.

Abordar esses livros com um olhar decolonial exige uma metodologia crítica que vá além da simples leitura e reprodução dos fatos. A análise deve considerar a estrutura de poder vigente ao longo dos períodos abordados e como essa estrutura influenciou a narrativa histórica.

Ao delinear a perspectiva teórico-metodológica que norteia esta pesquisa, convidamos agora o leitor a adentrar no cenário onde a história local se manifesta e ganha vida: o município de Itumbiara, GO. Abordaremos aspectos geográficos, sociais e econômicos que contextualizam a dinâmica histórica da região e influenciam as narrativas sobre seu passado.

3. O CENÁRIO DA PESQUISA: ITUMBIARA, GO.

Itumbiara, localizada no sul de Goiás, é uma cidade diversificada com uma população de aproximadamente 105.000 habitantes, conforme os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Cerca de 45% da nossa população identifica-se como parda, 45% como branca e 9% como negra, com os restantes 1% distribuídos entre indígenas, asiáticos e outras classificações (IBGE, 2022).

A religião também desempenha um papel significativo na comunidade itumbiarenses. Segundo os últimos dados do IBGE, aproximadamente 60% são católicos, enquanto cerca de 30% se identificam como evangélicos. Os outros 10% incluem seguidores de outras religiões e pessoas sem afiliação religiosa (IBGE, 2022).

Geograficamente, a cidade está estrategicamente posicionada na divisa com Minas Gerais, no Triângulo Mineiro, o que facilita o intercâmbio comercial e cultural com o estado vizinho. A proximidade com Brasília, a cerca de 300 km de distância, também proporciona acesso a oportunidades políticas e econômicas e foi crucial para a integração com outras partes do país.

Itumbiara tem suas raízes na formação de um porto, que foi fundamental para seu desenvolvimento inicial. A cidade nasceu às margens do rio Paranaíba, cuja navegabilidade facilitava o transporte de pessoas e mercadorias, tornando-se um ponto estratégico para o comércio e o intercâmbio cultural. Nos primórdios da sua história, o porto de Itumbiara serviu como um elo vital entre as regiões de

Goiás e Minas Gerais, promovendo o crescimento econômico e a integração regional.

A localização geográfica de Itumbiara, na divisa com Minas Gerais, sempre foi uma das suas maiores vantagens. Essa proximidade com o Triângulo Mineiro permitiu que a cidade se tornasse um ponto de encontro para comerciantes, viajantes e colonos, que encontravam ali um local de repouso e troca de mercadorias. A importância dessa divisa se manifestou na maneira como Itumbiara se desenvolveu como um centro de comércio regional, facilitando o fluxo de produtos agrícolas e pecuários entre os estados vizinhos.

Além do comércio, a divisa com Minas Gerais também influenciou a cultura e a identidade de Itumbiara. A troca constante de pessoas e ideias entre as regiões ajudou a moldar uma comunidade com tradições culturais compartilhadas, hoje Araporã, em Minas Gerais e Itumbiara, em Goiás, possuem grande fluxo cruzado de pessoas que se deslocam diariamente para trabalho, estudo, lazer e compras. A fundação de Itumbiara como porto e sua importância estratégica na divisa com Minas Gerais foram e ainda continuam sendo elementos fundamentais para o crescimento e a formação da cidade.

O porto do rio Paranaíba, que havia sido construído em 1824 com o intuito de facilitar a circulação e comércio entre Minas Gerais e Goiás, fez com que a região do lado goiano crescesse em população e extensão territorial. Autores locais escrevem sobre o ocorrido e citam, especialmente, a figura do General Cunha Matos que decretou a construção de uma estrada ligando Anhangüera a Uberaba. Essa passava pelo rio Paranaíba, onde foi necessário a construção de um porto, que mais tarde, se tornaria a cidade de Itumbiara. A figura do general é amplamente difundida e divulgada na cidade, uma vez que nomeia o Colégio Estadual General Cunha Mattos, escola pública estadual em Itumbiara, GO. Nessa instituição de ensino de educação básica há o funcionamento das etapas de formação de Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Os nomes de escolas, ruas e praças em homenagem a políticos refletem a conexão entre a memória histórica e o espaço urbano, um conceito explorado por Nora (1993) em seus estudos sobre lugares de memória. Em muitas cidades, incluindo Itumbiara, essas denominações são uma forma de eternizar figuras políticas que tiveram impacto na comunidade local ou nacional. Escolas como "

Colégio Estadual General Cunha Mattos" ou ruas e avenidas como "Avenida Afonso Pena" não apenas homenageiam líderes políticos, mas também servem como marcos simbólicos que conectam o presente com o passado histórico.

Nora (1993) argumenta que lugares de memória são construções sociais que buscam manter viva a lembrança de eventos, figuras e valores importantes para uma comunidade. Nesse contexto, os nomes de lugares públicos são uma forma tangível de preservar e transmitir a história coletiva. Em Itumbiara, assim como em outras cidades, esses nomes não apenas identificam locais geográficos, mas também evocam narrativas e significados que moldam a identidade local. Praças como "José Gomes Lima" ou "Praça Tancredo Neves" são exemplos de como políticos são lembrados e celebrados através do espaço físico urbano.

A relação entre nomes de lugares e a memória coletiva é dinâmica e revela muito sobre Itumbiara, assim como em qualquer cidade, esses lugares de memória não são apenas estáticos, mas continuamente reinterpretados e negociados ao longo do tempo, refletindo mudanças nas percepções políticas e sociais. Essas homenagens públicas não apenas celebram figuras políticas, mas também convidam os cidadãos a refletirem sobre o legado desses líderes e suas contribuições para a comunidade e o país.

Com a criação do porto, consequentemente pessoas começaram a habitar o local que era movimentado devido ao tráfego de pessoas/mercadorias provenientes da rota proposta pelo General Cunha Matos, dessa forma fazendeiros locais doam terras para a construção da primeira capela da região que, segundo Sidney Pereira de Almeida Neto, daria origem à primeira capela, a padroeira da cidade e ao nome da então povoado de Santa Rita do Paranaíba.

A herança católica dos primórdios da cidade fica explícita quando analisamos a quantidade expressiva da população que se denomina católica (60%) e também o nome do

[...] povoado de Santa Rita do Paranaíba, cujo desenvolvimento foi rápido. Conforme se verifica em todos os povoados, foi ali também edificada uma capela, tendo como padroeira Santa Rita. Posteriormente, em homenagem à mesma santa, o povoado recebeu a denominação de Pôrto de Santa Rita. Foi à paróquia pela Resolução provincial n.º 18, de 21 de agosto *[sic.]* de 1852.

Passou à vila, pela Lei estadual n.º 349, de 16 de julho de 1909, desmembrando-se do município de Morrinhos, sendo instalada em 12 de outubro do mesmo ano. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município compõe-se de 2 distritos: Santa Rita do Paranaíba, criado pela Lei provincial n.º 18, de 21 de agosto [sic.] de 1852, e Bananeiras.

Foi elevado à categoria de cidade pela Lei estadual n.º 518, de 27 de julho de 1915. Pelo Decreto-lei estadual n.º 8 305, de 31 de dezembro de 1943, passou a denominar-se Itumbiara (Almeida Neto, 2021, p. 78).

Com base em fontes memorialísticas locais e na página oficial da prefeitura, é possível identificar datas e figuras que são consideradas significativas e que marcam a história de Itumbiara. O ano de 1909 emerge como um marco importante devido a diversos acontecimentos históricos. Nesse ano, destacam-se a construção e inauguração da Ponte Affonso Penna, que desempenhou um papel crucial na conectividade e desenvolvimento econômico da região. Além disso, 1909 assinala o processo de emancipação do Arraial de Santa Rita, que deixou de ser distrito de Morrinhos para se tornar uma cidade independente, consolidando sua identidade e autonomia administrativa no contexto regional. Esses eventos não apenas transformaram a paisagem física de Itumbiara, mas também representaram momentos decisivos na construção de sua história como um centro urbano em crescimento na região (Almeida Neto, 2024).

A Ponte Affonso Penna, situada em Itumbiara, foi originalmente construída para facilitar o transporte e o comércio entre Goiás e Minas Gerais. Inaugurada em 1909, durante o mandato do presidente Afonso Pena, a ponte foi uma resposta à necessidade de melhorar a infraestrutura de transporte na região, promovendo o desenvolvimento econômico e a integração social entre os dois estados. A construção da ponte simbolizou um marco significativo em Itumbiara, conectando a cidade a importantes rotas comerciais e facilitando o intercâmbio de bens e culturas.

Ao longo do tempo, a ponte passou por diversas transformações. Em 1973, devido ao aumento do tráfego e à necessidade de modernização, a estrutura original foi substituída por uma nova ponte de concreto, mais adequada às demandas contemporâneas. A ponte original foi então desmontada e reinstalada em um novo local, nas proximidades do Parque Linear Beira Rio,

onde se tornou um monumento histórico e um ponto turístico. Esta mudança preservou a estrutura original, permitindo que as gerações futuras continuassem a apreciar seu valor histórico e arquitetônico.

O reconhecimento da importância histórica da Ponte Affonso Penna culminou em seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2011. Este tombamento foi uma medida crucial para garantir a preservação da ponte, protegendo-a contra intervenções que pudessem comprometer sua integridade e autenticidade. O IPHAN reconheceu a ponte não apenas como uma estrutura funcional, mas como um símbolo da história de Itumbiara.

Instituir lugares de memória e cartões postais em uma cidade, como a Ponte Affonso Penna ou o Colégio Estadual General Cunha Mattos em Itumbiara, pode gerar problemáticas significativas quando essas homenagens excluem minorias. Ao focar apenas em figuras públicas proeminentes, frequentemente pertencentes às elites políticas e econômicas, há uma tendência de silenciar e marginalizar as contribuições e histórias de grupos minoritários. Conforme Nora (1993, p.54) afirma, "os lugares de memória são construídos pela vontade de manter a memória viva, especialmente em tempos quando a memória viva está se tornando história". No entanto, essa seleção pode ser excludente e reforçar uma visão unilateral da história.

4. DESVENDANDO AS CONTRADIÇÕES: A REALIDADE OCULTA POR TRÁS DO IDEAL DE PROGRESSO.

A exclusão de minorias nos lugares de memória é um reflexo da colonialidade do poder, conceito discutido por Aníbal Quijano. A colonialidade perpetua uma hierarquia de conhecimentos e culturas que privilegia narrativas eurocêntricas e marginaliza outras vozes. Quijano argumenta que "a colonialidade do poder é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista" (Quijano, 2005, p. 65).

Em Itumbiara, ao priorizar homenagens a figuras históricas como políticos e militares, as memórias e contribuições dos grupos indígenas e afrobrasileiros são frequentemente deixadas de lado, perpetuando uma narrativa histórica que favorece apenas os vencedores, apesar da visão predominante ser aquela em

que nomes políticos ou de famílias ilustres figurem como protagonistas.

O caso dos trabalhadores encontrados em condições análogas à escravidão em Itumbiara, em 2023, expõe as contradições profundas entre a imagem de uma cidade próspera e pacífica e as realidades sociais e econômicas enfrentadas por muitos (Profissão Repórter, 2023). Ao revelar uma prática tão brutal e desumana em pleno século XXI, este caso desmascara a narrativa de progresso e desenvolvimento que muitas vezes é associada à cidade. A reportagem do Profissão Repórter, exibida em rede nacional, trouxe à tona as duras condições enfrentadas por esses trabalhadores, muitos deles negros, que foram aliciados em regiões do Nordeste como Piauí, Maranhão e Rio Grande do Norte, em busca de melhores oportunidades de vida (Profissão Repórter, 2023).

Ao analisarmos este episódio de forma decolonial, podemos perceber como as estruturas de poder e exploração ainda perpetuam as desigualdades raciais e regionais no Brasil. A maioria desses trabalhadores, vindos de estados historicamente marginalizados, foram aliciados para condições de trabalho degradantes, perpetuando um ciclo de pobreza e exclusão que remonta ao período colonial. A exploração desses indivíduos, em sua maioria negros, revela como as heranças do racismo e da escravidão continuam a influenciar as relações de trabalho e o desenvolvimento socioeconômico em nosso país. Esse caso não apenas denuncia uma grave violação dos direitos humanos, mas também nos convoca a repensar as narrativas oficiais sobre progresso e inserção em nossa sociedade, questionando as estruturas que sustentam essas injustiças.

Não podemos ignorar nas obras dos próprios autores locais a presença de grupos que são citados, porém, não problematizados como a composição do povoado de Santa Rita do Paranahyba nos idos de sua formação (1820-1840). “A população da região de Santa Rita do Paranahyba na época era cerca de 750 pessoas, sendo 560 cidadãos livres, dos quais 260 homens e 290 mulheres. A população escrava era de 190, dos quais 92 homens e 98 mulheres” (Almeida Neto, 2021, p.79), ou seja, quase 34% da população que residia nas paragens era escravizada, um número significativo que apesar de não ser tratado de forma problematizada ou sendo trazido na obra como mera estatística, nos diz muito sobre o cenário da época e seus reflexos na atualidade.

A história decolonial oferece uma crítica necessária a essas práticas, propondo a inserção das narrativas marginalizadas e a reavaliação das histórias oficiais. Mignolo (2008, p. 288) sugere que "a decolonização do conhecimento envolve a desobediência epistêmica e a recuperação de epistemologias subalternas". Isso implica reconhecer e valorizar as histórias e contribuições dos grupos que foram historicamente silenciados. Em Itumbiara, isso poderia incluir a renomeação de espaços públicos para refletir a presença e importância de grupos minoritários ou sujeitos não abastados, bem como a criação de monumentos que celebrem suas culturas e histórias.

A criação de lugares de memória inclusivos também pode fortalecer o senso de identidade e pertencimento de toda a comunidade. Quando a história de uma cidade é contada de maneira abrangente e inclusiva, todos os membros da comunidade se veem refletidos e valorizados. Incorporar as histórias de minorias nos lugares de memória de Itumbiara pode promover coesão social e justiça histórica, criando uma narrativa coletiva mais rica e representativa.

Portanto, ao instituir lugares de memória e cartões postais, é essencial adotar uma abordagem que reconheça e celebre a diversidade da história local. Isso não apenas corrige as injustiças históricas, mas também enriquece a narrativa coletiva da cidade. Em vez de perpetuar uma memória seletiva e excludente, é possível construir uma memória inclusiva e representativa que honra todas as vozes e experiências. Stuart Hall (2006, p. 70) observa que "a identidade cultural não é uma essência fixa; é um ponto de identificação e diferença". Adotar essa perspectiva em Itumbiara pode transformar os lugares de memória em espaços verdadeiramente representativos e inclusivos, refletindo a complexidade e a riqueza da história local.

A cidade de Itumbiara, comumente retratada como um exemplo de progresso e desenvolvimento no sul de Goiás, carrega consigo uma narrativa que, à primeira vista, parece destacar apenas suas conquistas econômicas e sociais. Tanto na obra de Nilson de Souza Freire quanto na de Sideny Pereira de Almeida Neto, a cidade é apresentada como um centro em ascensão. Essa visão, entretanto, esconde um passado e um presente marcados por episódios de violência e controvérsias políticas que, muitas vezes, são tratados de forma superficial ou mesmo omitidos. Para uma análise mais completa e decolonial, é

essencial considerar as contradições que permeiam essa narrativa, desafiando a imagem idealizada da cidade.

José Gomes da Rocha, mais conhecido como Zé Gomes, é uma figura central tanto nas obras quanto na memória coletiva de Itumbiara. Como prefeito por dois mandatos, ele deixou sua marca em diversos aspectos da cidade, sendo homenageado com seu nome em ruas, praças, escolas e outros espaços públicos. A obra de Nilson Freire, que foi produzida durante o período em que Zé Gomes ainda estava no poder, retrata-o como um líder político carismático, capaz de elevar a qualidade de vida dos moradores e colocar Itumbiara em destaque no cenário estadual, assim escreve Freire, sobre o papel do político nesse processo:

Com qualidade de vida e a autoestima de seus moradores em alta (devido às melhorias políticas, administrativas, sociais, econômicas e culturais que ocorreram no município nos últimos anos), é nesse cenário que a cidade de Itumbiara volta a ocupar espaço de destaque em Goiás, figurando-se no primeiro escalão do governo estadual, destacando-se com a chegada de uma grande empresa do setor do automobilismo. No jogo político, Zé Gomes da Rocha – PP, com aliados em partidos como PTB, PSDB, PT, parte do PMDB e PR, lidera num palco bancando seu vice Chico Bala como sucessor contra o provável oponente vereador Gugu Nader do PMDB, agora sob novo comando e que vai disputar a próxima eleição aliando-se com Dione Araújo que já foi do PSB e seguiu para o DEM, representando parte dos comerciantes, João Maria representando a esquerda radical do PSOL e o PC do B no comando do dissidente Advogado Cleuber Cardoso. Até quando Zé Gomes vai comandar o jogo político, só o tempo vai dizer. Vivemos em tempos do último grande líder no jogo político de Itumbiara, num ciclo que supera 30 anos de jogo do Poder (Freire, 2011, p. 143-144).

Apesar da visão otimista de Freire, a realidade política de Itumbiara é marcada por uma série de disputas e alianças complexas, que refletem as dinâmicas de poder locais. Zé Gomes, com seu grupo político influente, foi descrito como o último grande líder em um "jogo do poder" que se estende por mais de 30 anos. No entanto, essa trajetória meteórica e seu acúmulo de riqueza em um curto período geraram suspeitas e controvérsias. Sua morte trágica, ocorrida poucos dias antes de uma eleição que ele provavelmente venceria, foi um evento que abalou a cidade e reforçou ainda mais sua figura como uma lenda política local. Embora a investigação policial tenha concluído que o crime teve

uma motivação pessoal, a aura de mistério e a sensação de que algo mais profundo estava em jogo continuam a permear o imaginário coletivo.

Sideny Pereira Neto, em sua obra, adota uma abordagem mais conservadora ao tratar a figura de Zé Gomes, mas ainda assim o posiciona como uma das figuras mais importantes da história recente de Itumbiara. Pereira Neto, descendente de uma tradicional família política local, coloca Zé Gomes ao lado de seu avô, Coronel Sidney Pereira de Almeida, que foi prefeito por 11 mandatos. Essa associação entre figuras políticas de diferentes épocas reforça a continuidade de um sistema de poder que, embora adaptado às mudanças sociais e econômicas, mantém suas raízes em práticas políticas tradicionais.

A análise decolonial dessas obras e da história de Itumbiara revela que, por trás da fachada de progresso e tranquilidade, existe uma narrativa de poder, exclusão e violência que precisa ser explorada com mais profundidade. A figura de Zé Gomes, tanto em vida quanto após sua morte, exemplifica como as dinâmicas de poder em Itumbiara foram e continuam sendo complexas e multifacetadas. Sua trajetória ilustra como líderes locais podem ser simultaneamente venerados e controversos, deixando um legado que, se não for analisado criticamente, perpetua uma visão simplista e incompleta da história local.

5. A HISTÓRIA DE ITUMBIARA NA VISÃO DE MEMORALISTAS.

Entre os principais autores locais que escreveram sobre a história de Itumbiara, destacam-se Nilson de Souza Freire e Sidney Pereira de Almeida Neto, cujas obras têm sido amplamente utilizadas como referência. Apesar da importância dessas contribuições, é fundamental reconhecer e promover os estudos acadêmicos recentes que oferecem novas perspectivas e abordagens sobre a história local, especialmente aqueles que utilizam metodologias de abordagens decoloniais que possibilitam registrar as vozes de grupos e narrativas frequentemente marginalizados. A divulgação desses trabalhos pode enriquecer o ensino de história nas escolas e proporcionar uma compreensão mais ampla e inclusiva da identidade cultural e histórica de Itumbiara.

Nilson de Souza Freire é autor de obras sobre a história local e têm formação em Ciências Físicas e Biológicas, História, Administração e Direito, em

sua principal obra *Nas barrancas de Santa Rita do Paranahyba – Jogos do poder em Itumbiara de 1830-2011* sua narrativa cita períodos marcantes da história itumbiarenses, líderes políticos e religiosos, porém, outros grupos são citados rapidamente ou nem são mencionados.

Nilson Freire, nascido em Itumbiara, GO, no dia 13 de abril de 1964, é advogado especializado na área tributária e um ativo membro da Academia Itumbiarenses de Letras e Artes de Itumbiara, ocupando a cadeira número 7. Sua formação acadêmica é extensa e diversificada, com um Mestrado em Direito Fiscal pela Universidade de Coimbra, Portugal (2022) e um Mestrado em História pela PUC-GO (2013). Além disso, possui especialização em Política e Administração Tributária pela FGV (2001), graduação em Direito pela Universidade Federal de Goiás (2003), em História pela Universidade Estadual de Goiás (2008), em Ciências Físicas e Biológicas pela Fundação de Ensino Superior de Itumbiara (1990) e em Administração de Empresas pela mesma instituição (1993).

Em sua carreira profissional, Nilson Freire destacou-se como Auditor Fiscal de Receitas Estaduais aposentado da Secretaria de Estado da Economia de Goiás e ocupou diversos cargos de relevância, incluindo Diretor de Assistência ao Servidor no IPASGO (2012), presidente da SANEAGO (2011-2012), Secretário de Finanças (2005-2010) e Secretário de Saúde (2006-2007) da Prefeitura de Itumbiara. Nilson não possui parentesco com políticos célebres ou é de origem abastada, porém, como citado em seu Currículo *Lattes* ele possui profundo envolvimento com a história política de Itumbiara, onde participou de cargos políticos ou administrativos na prefeitura de 2005 a 2020.

Seu envolvimento diário com as questões políticas locais influenciou em grande parte sua escrita, o autor em sua obra mais divulgada *Nas barrancas de Santa Rita do Paranahyba – Jogos do poder em Itumbiara de 1830-2011*, divide os capítulos em etapas cronológicas da “evolução” de Itumbiara, em todos os sete capítulos traz em destaque os principais “*Líderes do período*” e também os “*Marcos Históricos do Período*”.

Nilson de Souza Freire desempenhou um papel crucial na escrita e pesquisa da história de Itumbiara, destacando-se por sua habilidade em levantar uma vasta gama de fontes, incluindo fotos, documentos oficiais e cartoriais, bem

como histórias importantes que compõem o tecido histórico da cidade. Seu trabalho meticuloso e dedicado permitiu a preservação e a divulgação de informações valiosas sobre Itumbiara, fornecendo uma base sólida para estudos e pesquisas futuras. Através de sua obra literária, Freire conseguiu capturar a essência de eventos históricos significativos e oferecer uma visão detalhada dos desenvolvimentos políticos e sociais que moldaram a cidade ao longo dos anos.

No entanto, o foco de Nilson de Souza Freire tende a ser autocentrado em figuras políticas, jogos de poder e acontecimentos marcantes, o que, embora enriquecedor, pode limitar a abrangência de sua narrativa. Sua obra é indiscutivelmente de suma importância para a compreensão da história local, mas, quando utilizada como fonte primária, especialmente em contextos educativos, oferece uma oportunidade ainda mais valiosa. Em sala de aula, a análise crítica de seus escritos pode incentivar os estudantes a explorarem diferentes perspectivas, questionar as narrativas hegemônicas e valorizar a diversidade de experiências que compõem a história de Itumbiara. Dessa forma, o legado de Freire pode ser ampliado e aprofundado, promovendo um ensino de história mais inclusivo e reflexivo.

Outra figura de destaque que escreve sobre a história local é Sidney Pereira de Almeida Neto, sendo graduado em letras, escritor, atual Curador do Museu Municipal Major Militão Pereira de Almeida e autor da obra *Itumbiara, Um século e meio de História* e segundo o próprio autor sua recente atualização "*1909, Villa de Santa Rita do Paranahyba, Itumbiara*" que também traz uma narrativa carregada de datas e figuras masculinas, cristãs e ligadas ao agronegócio.

Sidney Pereira de Almeida Neto é um renomado escritor e pesquisador, amplamente reconhecido por sua contribuição à historiografia de Itumbiara. Filho e neto de lideranças políticas locais, Sidney traz em sua obra uma profunda compreensão dos intrincados meandros do poder na cidade. Seu livro "*Itumbiara, um século e meio de História*" (1997) é uma obra fundamental que detalha o desenvolvimento da cidade desde suas origens de forma abrangente, enquanto "*1909 – Villa de Santa Rita do Paranahyba – Itumbiara*" (2021) oferece uma análise com mais fontes e dados de um período que segundo o autor é crucial na formação da identidade local.

Com um foco especial em figuras políticas como prefeitos, vereadores, padres e coronéis, Sidney é visto como uma referência essencial na história de Itumbiara. A sustentação de sua alcunha como neto do Coronel Sidney Pereira de Almeida, que foi prefeito por 11 mandatos e manteve uma vida política ativa por 50 anos, confere à sua obra uma profundidade adicional e uma perspectiva única sobre os embates de poder locais.

Apesar de sua contribuição significativa como pesquisador, o foco de Sidney Pereira de Almeida Neto está predominantemente nos embates de poder no campo político, especialmente no que se refere à família Pereira de Almeida. Suas obras são amplamente citadas e ocupam um lugar especial no *site* oficial da prefeitura de Itumbiara. Além disso, Sidney atua como curador do museu local e suas publicações são distribuídas nas escolas como fontes primárias de informação sobre a história da cidade.

No entanto, embora seu trabalho seja de extrema importância para a compreensão da história política de Itumbiara, há uma ênfase clara nas dinâmicas de poder e nas figuras políticas predominantes, o que pode limitar a visão mais ampla e inclusiva de outros aspectos históricos e sociais da cidade. A presença de suas obras no currículo escolar assegura que as futuras gerações tenham acesso a essa rica herança histórica, ainda que com a necessidade de complementar esses estudos com outras perspectivas para uma visão mais inclusiva da história local.

Nilson de Soza e Sidney Pereira retratam uma história autocentrada na figura de homens brancos e latifundiários ou políticos influentes e famílias ricas, outros grupos ou personalidades ficaram diluídos nessa “história oficial”, contrariando o censo do IBGE de 2022 que retrata que mais de 55% da população economicamente ativa do município se caracteriza enquanto preto (9%), pardo (45%), indígena (0,1%) ou amarelo (0,2%) (IBGE, 2022).

Nesse sentido a escrita memorialística desempenha um papel crucial na preservação da história local, oferecendo uma rica fonte de informações sobre a vida cotidiana, cultura e eventos significativos de uma comunidade. Obras desse tipo, frequentemente escritas por moradores locais ou pessoas diretamente envolvidas com a história da região, capturam detalhes e perspectivas que podem ser negligenciados em narrativas históricas mais amplas.

Conforme Circe Bittencourt ressalta, "a história local permite que as/os estudantes compreendam a formação da sociedade em que vivem, percebendo-se como sujeitos históricos" (Bittencourt, 2004, p. 168). Assim a memória escrita se torna uma ferramenta valiosa para enriquecer o ensino de história nas escolas, promovendo uma conexão mais profunda entre os estudantes e a sua própria comunidade.

No entanto, é importante analisar criticamente essas obras, considerando os dados, fontes e estórias que são vistos como secundários. Muitas vezes, a escrita memorialística pode refletir uma visão parcial ou subjetiva, excluindo narrativas de grupos minoritários ou marginalizados. Abordar esses textos de forma decolonial permite questionar as estruturas de poder e as hegemonias presentes na construção da história oficial. Incorporar essa análise no cotidiano escolar não só enriquece o currículo, mas também promove uma educação mais inclusiva e crítica.

Bittencourt (2004, p. 173) enfatiza a importância de "trabalhar com diferentes fontes e perspectivas, permitindo que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais ampla e crítica da história". Assim, a escrita memorialística, quando tratada com uma abordagem decolonial, pode transformar-se em uma instrumento pedagógico, capaz de possibilitar o registro de vozes silenciadas e promover uma compreensão mais completa e justa da história local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imersão nos estudos da História Local de Itumbiara, GO, revelou como a narrativa histórica local foi moldada por interesses específicos, destacando certos aspectos e negligenciando outros. A análise crítica das obras de Nilson de Souza Freire e Sidney Pereira de Almeida Neto, autores consagrados na historiografia local, evidenciou a necessidade de ampliar as perspectivas sobre o passado da cidade.

As dificuldades de acesso a determinadas informações e a fragmentação dos registros históricos demonstram a necessidade de se investir na preservação da memória e na diversificação das fontes de pesquisa. A carência de materiais que abordem a história local de forma crítica e inclusiva,

especialmente nas escolas, reforça a importância de se produzir conhecimento que dê voz a diferentes sujeitos e grupos sociais.

A História Local, em perspectiva decolonial, apresenta-se como um caminho promissor para a construção de uma narrativa histórica mais abrangente e democrática. Ao questionar as narrativas hegemônicas e valorizar a diversidade de experiências, incentivamos a participação dos estudantes na construção do conhecimento histórico, fortalecendo o senso de pertencimento e a cidadania.

Acreditamos que esse estudo contribui para a valorização da História Local como possibilidade de transformação social. Ao desvelar as contradições e as faces ocultas da narrativa local, incentivamos a construção de uma memória mais justa e representativa, que contemple a pluralidade de vozes que compõem a história de Itumbiara, GO.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, Sidney Pereira de. **História. Itumbiara**: Prefeitura Municipal de Itumbiara, 2024.

ALMEIDA NETO, Sidney Pereira de. **1909, Vila de Santa Rita do Paranaíba, Itumbiara**. São Paulo: Padrão, 2021.

ALVES, Alda Judity. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 77, p. 53-61, 1991.

ALVES, Pedro. Decolonialidade: uma crítica ao eurocentrismo na produção do conhecimento. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 148, p. 220-246, 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Nilson de Souza. **Nas barrancas de Santa Rita do Paranaíba**: jogos do poder de 1830-2011. Goiânia: Kelps, 2011.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

GUIMARÃES, Selva. História Regional e Local: Uma Proposta de Trabalho para o Ensino Fundamental. **História & Ensino**, vol. 11, p. 97-115, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro:

DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Itumbiara**. Rio de Janeiro, 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Introdução à decolonialidade**. Brasília: Universidade de Brasília, 2020.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOREIRA, João Batista. A importância da história regional e local para a formação da consciência histórica. **Revista do LHIESTE**, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PROFISSÃO REPÓRTER. Trabalhadores resgatados em condição análoga à escravidão em fazendas de Goiás receberam, em média, R\$ 18 mil de indenização. G1, 3 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2023/05/03/trabalhadores-resgatados-em-condicao-analoga-a-escravidao-em-fazendas-de-goias-receberam-em-media-r-18-mil-de-indenizacao.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: **CLACSO**, 2005. p. 227-278.

Recebido em 25-01-2025.

Aprovado para publicação em 21-07-2025.